

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO IV

HOMENAGEM A GAMA BARROS

Volume I



COIMBRA / 1949

Gama Barros e a Língua Portuguesa

O quadro da longa actividade mental de Gama Barros ficaria incompleto, se neste número, à sua memória consagrado, não houvesse uma breve referência à sua atitude de puro escritor didáctico e a uma daquelas facetas accidentais que ajudam a iluminar a sua figura.

Bacharel em direito, Gama Barros não teve uma preparação linguística apurada, assim como a não tivera de técnica especializada para a sua missão de historiador. Mas, sensível aos prémios de carácter intelectual e académico, conforme se lê na *Introdução* do Dr. Torquato de Sousa Soares à reedição da *História da Administração Pública em Portugal*, Gama Barros não podia também descurar aquelas qualidades próprias de uma obra didáctica e aquele sentido de correcção e de clareza, que só podiam provir da escolha e propriedade dos termos.

Isto mesmo lhe reconheceram não só Vilhena Barbosa e Leite de Vasconcelos, em textos transcritos na *Introdução* a que nos referimos (pág. un), como o próprio Autor desta *Introdução*, que nela põe em relevo quanto Gama Barros, embora sem preocupações estilísticas de alto coturno, procurava ser correcto, claro e expressivo.

Que outros indícios não houvesse deste seu cuidado, o maço de verbetes subordinado ao título de *Apontamentos grammaticaes* — que interessados folheámos e atenta-

mente lemos — bastaria para o documentar. E que este cuidado e interesse linguístico não foi acidental, mas permanente, bem o mostra a existência de vários verbetes, de tamanho, cor e grafia um tanto diferentes, a denunciarem lugares e épocas diversas de reflexão linguística. A repetição de notas extraídas da renovada leitura de alguns autores mostra igualmente a permanência da sua preocupação.

Meticuloso na anotação dos passos da sua vida profissional e minucioso na dissecação dos factos que historia, Gama Barros aplicou também as mesmas qualidades aos seus apontamentos linguísticos, não se esquecendo nunca de indicar a obra, volume e tomo, página e edição dos autores que ia lendo. As transcrições desses autores, em geral, não são mudas e secas, antes se acompanham de reflexões críticas ou de chamadas para os gramáticos que consultava. E, como lia com espírito atento, algumas vezes aproximava passos de alguns prosadores com outros já registados ou corrigia por um novo lançamento as suas reflexões anteriores.

Percorrendo os seus verbetes, sente-se que os apontamentos gramaticais de Gama Barros correspondem à sua necessidade de informação e de esclarecimento, nos pontos em que os gramáticos o não elucidavam suficientemente, e que não têm em vista a futura ordenação de uma obra didáctica. Atraem-no por vezes singularidades de expressão, mas prende-o sobretudo o problema da regência verbal e o da concordância. Neste último campo, acumula exemplos sobre exemplos, talvez não tanto para dessa abundância de casos extrair uma regra, como para se abonar com a própria variabilidade dos escritores.

E estes são geralmente de primeira plana. Herculano e Vieira, Lucena e Fr. Luís de Sousa, D. Francisco Manuel

de Melo e D. Francisco Alexandre Lobo figuram entre os mais citados. Mas, ao contrário do que se poderia esperar da sua necessidade de leituras históricas, Bernardes, Heitor Pinto e Amador Arrais, Filinto Elisio, Garrett e Latino Coelho não são menos lidos e transcritos — o que parece mostrar uma leitura feita menos com intenção de historiador do que de escritor. Fernão Lopes e os textos das *Ordenações Afominas* aparecem incidentalmente, mas a *Imagem da Vida Cristã*, a *Nova Floresta* e a *Oração da Coroa* são as obras que maior contributo terão dado, além da *História de Portugal* de Herculano, para os apontamentos gramaticais de Gama Barros.

Estes podem ser divididos em duas partes. Uma, que abrange sensivelmente metade dos verbetes, é constituída por exemplos de regência verbal e, menos vezes, de regência de substantivos e de adjetivos; outra, refere-se a particularidades morfológicas de número ou de conjugação, a locuções especiais, a questões ortográficas e de concordância, e ao uso do infinito pessoal e impessoal.

Velhos dicionários como o de Morais poderiam enriquecer-se com alguns dos exemplos colhidos por Gama Barros, que atenta particularmente na transitividade dos verbos, nos matizes de expressão derivados do uso de proposições diferentes, nas locuções preposicionais raras e significativas, nas formas verbais estranhas ou duplas.

Cada um dos exemplos que cita e cada uma das reflexões que faz poderia originar-nos um comentário; mas, como tal seria fastidioso e porventura inútil, importa registar apenas que muitas vezes Gama Barros nos parece ter o propósito de contrapor às afirmações dos gramáticos o registo daqueles passos dos bons autores que parecem contradizê-los. Por não conceber «regra» como

simples normalidade dos casos — que tal é o sentido que a palavra hoje pode ter para nós — ou por incorrer na superstição, ainda tão frequente, de que um autor, sendo imitável, o deve ser em todos os seus passos?

Talvez por uma e outra razão. Mas a verdade é que, se a maior parte das vezes podemos acompanhar Gama Barros no rigor da interpretação do texto, do sentido da frase ou da expressão que sublinha, nem sempre estaremos com ele na visão filológica das particularidades que comenta.

Assim é que, por parecer desconhecer as leis da assimilação, entende que formas como *dá-lo*, *amá-lo* devem ser ortografadas *dál-o*, *amál-o*, alegando que o / surgiu em vez de r por simples facilidade de pronúncia, em época em que a forma *lo* já não existia e estava substituída por o. Do mesmo modo, não referindo à forma *se* o valor de agente indeterminado e o de partícula correspondente à passiva latina, considera incorrectos exemplos que todos nós hoje aceitamos como normais.

Façamos, porém, a justiça de registar que raríssimas vezes o historiador da administração pública em Portugal, ocasionalmente filólogo, utiliza ou emprega o termo «errado». Gama Barros forma já da palavra «erro» um conceito relativista. Sente que os factos linguísticos estão condicionados por factores diversos. Regista alguns efeitos sobre a concordância adjectiva ou verbal da atitude psicológica dos escritores. Anota a variabilidade do mesmo autor em pontos de conteúdo idêntico, e pondera os casos em que não pode tratar-se de erro tipográfico e outros em que a pouca segurança da edição lhe não permite pronunciar-se. Distingue entre formas arcaicas e formas modernas de expressão. E, com o seu espírito de meticulosidade e de pormenor, com a sua capacidade de

relação dos factos observados e de ponderação nas inferências que daí sabia tirar, poderia ter prestado à filologia portuguesa notáveis serviços, se a sua actividade se tivesse inclinado para aí e a sua formação científica viesse a fazer-se em tal sentido.

Não obstante, o que neste campo nos deixou, em simples verbetes manuscritos, pode ainda interessar, como material de documentação, a quantos gramáticos e dicionaristas atentam nas particularidades e pontos controversos da nossa língua (*).

Coimbra, Agosto de 1947

F. COSTA MARQUES.

(!) Transcrevemos a seguir, a título de ilustração, alguns dos verbetes de Gama Barros que melhor ajudam a documentar o seu processo de estudo gramatical.

TRANSCRIÇÃO DE ALGUNS VERBETES
DOS «APONTAMENTOS GRAMMATICAES» DE GAMA BARROS

BELJAMÃOS

— e feito airosas

Nos *bei jamaos* as solitas mesuras.

Obras completas de Filinto Elysio, 1817, tomo 1, pag. 153.

Ri-se de momos, de beijamãos. *Ibid.*, pag. 442.

CAMINHAR

Só Christo caminhou voluntario á morte sabida, todos os outros sem vontade á morte ignorada. Vieira, Sermão do Mandato (Tomo ii, Sermão xm, pag. 3go)

Note-se que o verbo da segunda oração conserva-se occulto, sem embargo de não estar no singular como o da primeira oração.

desde este ponto começava Christo a caminhar *para* a morte. *Ibid.*) pag. 391, col. 2.^a

*

CASO QUE

E como os religiosos dalta estofa, *caso que* sejam spirituaes, todavia sam humanos (Heitor Pinto, Imagem da Vida Christam, ed. de 1843, 1, pag. 129).

*

CONFORMIDADE

Em conformidade com as proprias leis. Hercul., Hist. de Port., tomo 4.^o, pag. 34.

Em conformidade do foro velho de Coimbra. *Ibid.* pag. 82.

responda o reu conforme *a* direito. *Ibid.* pag. 83.

conforme *a* decisão dos vizinhos. *Ibid.* pag. 86.

para executar n'elle a pena de açoutes *na* conformidade de que se julgar. *Ibid.* pag. 107.

sejam julgados *em conformidade com* o foral de Celorico. *Ibid.* pag. 116.

mais conforme *com* o espirito dos foraes. Herc. tomo 4.º pag. 30i nota da pag. antecedente.

em conformidade *com* os privilégios da sua classe. *Ibid.* pag. 323.

Em conformidade, e confirmaçam *delle* (*pensamento*) pretendo mostrar. Vieira, Sermão do Mandato (Tomo 11, serm. xm, pag. 373).

Conforme *ao*, conforme *á*, conforme *ao*. Heitor Pinto, Imagem da Vida Christam, ed. de 1843, 1, pag. 33, 41, 74.

Conformar *com*. (*Ibid.*, pag. 77).

*

DESAVIO

Herculano, Hist. de Port., 1, Nota ui no fim do vol., (2.ª ed., 1853) p. 449, para o fim, diz — se desaviu—. Parece-me erro, talvez typographico. Creio que devia dizer-se desaveio — *Avir* conjuga-se por *vir* e não por *ver*.

Distinguam. Herc., Hist. de Port, tomo 3.º pag. 25g.

Distingua. *Ibid.* pag. 353.

Mas diz—distinguem — a pag. cit. 353, e parece devêra dizer — distingúem. O mesmo a pag. 386, e no tomo 4.º pag. 369 nota 3.ª.

A pag. 354 diz — distinguir. A pag. 378 — distinguam. O mesmo a pag. 381. O mesmo no tomo 4.º pag. 347.

*

HAYER

Hão-*de* mais de uma vez ser descriptos e apreciados. Herculano, Hist. de Port., tomo 3.º pag. 224 in fine (Aqui parece-me não ser para imitar, porque o *de* devia estar junto ao *ser*, como ensinam as Reflexões sobre a lingua portugueza, de Candido Lusitano). (E verdade, mas o uso geral de agora é contra as

Reflexões). Ver Dicionario Contemporaneo, *ib.* *Haver*, *have-*
mos de nos referir. Ibid. pag. 230.

havemos *de* especialm.^{te} falar. *Ibid.* pag. 278 nota i.^a.

se ha-*de* em grande parte attribuir. *Ibid.* pag. 30g.

ha-de-lhe dar. *Ibid.* pag. 316.

Haver *de*. Quando ao verbo auxiliado se segue logo a pre-
posição *de*, tenho notado que se suprime ás vezes o *de* ao auxi-
liar *haver*. Exemplo, em Vieira, sermões (11, pag. 421). E a
pag. 422, diz ahavião *de* afrontar» (tendo dito no exemplo citado
ase havião afrontar de sua geração»), porque ao verbo auxiliado
não se segue imediatamente a preposição *de*. Se, porém, o
que está junto é *da* e não *de*, parece que já não se suprime o *dt*
no auxiliar: exemplo, aquando os hão *de* lançar *da* forca». *Ibid.*,
pag. 422.

ha se de acabar.... hão se de acabar. Vieira, Sermões (11,
pag. 447, col. i.^a).

ha se de esperar. *Ibid.*, pag. 456, col. 2.^a

mas da (conta) que auemos a Déos de dar (Heitor Pinto,
Imag. da V. Christam, ed. de 1843, 1, p. 72).

porque o religioso ha se de apartar (*Ibid.*, p. io3).

E de tal maneira ham os religiosos de deixar o mundo {*Ibid.*,
pag. 123.

*

MESMO

Ahi *mesmo*. Herc., Hist. de Port., in, pag. 46, nota 2

Então mesmo. Obras do bispo de Vizeu, 11, pag. g5, 151,
161.

amesmo reputando singular o testemunho». *Ibid.*, pag. 96.

a *mesmo* antes disso». *Ibid.*, pag. 99.

Trazia pois subjugada ou amortecida *mesmo* a ultima paixão
ao sabio. *Ibid.*, pag. 122.

assim mesmo. *Ibid.*, pag. 126.

muito além do que era vulgar *mesmo* entre os litteratos do seu
tempo. *Ibid.*, pag. 146.

mas das mais obras historicas devia entender o *mesmo*. *Ibid.*,
pag. 147.

mesmo de longe. *Ibid.*, pag. 152, nota,

ahi *mesmo*. *Ibid.*, pag. 168, nota.

ahí *mesmo*. Vieira, Sermão do Mandato (Tomo n, sermão xiii, pag. 384, col. i.^a, para o fim).

QUEM

achamos que os porteiros ou andadores do concelho eram *quem* *fa* iam os arrestos. Herculano, Hist. de Port., tomo 4.^o pag. 356.

arvore dedicada ao amor conjugal... que era *quem* neste caso se dava por mais ofendido. Bernardes, Nova Floresta, 1, pag. 19.

Entre os animaes *quem* mais brioso *que* o cavallo? *quem* mais forte *que* o leão, & o elefante? & *quem* mais despresivel *que* o rato, & o mosquito? Bernardes, Nova Floresta, 1, pag. 113.

...tu es *quem* deve perguntar-nos porque não choramos nos. *Ibid.*, pag. 200.

Eram em grande parte as repúblicas mercames e maritimas ----*quem* *ministravam*. Latino Coelho, Varões Illustres, Vasco da Gama, 1, pag. 18.

Eu, o Silencio, e a Solidão *era quem* estava ahi. Herculano, Eurico, pag. 52.

*

EUPHONIA

Um alvará regio de 1672 diz: «ey por bem que na dita cydade (Coimbra) se posa vender o pão *pella* tayxa da estremadura». Citação dos Indices e summarios do archivo municipal de Coimbra, nota 5 da p. i65.

Pella está evidentemente por *per a*. O primeiro l substitue r, o_# segundo, junto a a, é o artigo *la*. Portanto quando hoje escrevemos, por exemplo, *ouvil-o*, e não ouvi-lo, escrevemos correctamente porque não eliminamos o r de *ouvir*, como fazem os que preferem ouvi-lo, mas, por euphonia, substituímos o r por /, e designamos o final do vocabulo por o porque *lo* não está já em uso.

Já falei n'esta especie n'outro apontamento, mas não me lembro sob que titulo.

Titulo *Artigo*.

*

SE — USO DO VERBO QUANDO SE EMPREGA o=SE =

As bullas e instrucções com que se *pretendiam* aplanar as dificuldades. Herc., Hist. de Port., tomo 3.^o pag. 121.

Eis aqui pois como já em tempos anteriores a Affonso 3.º se *começavam* a substituir por quantidades certas de dinheiro ou de generos os tributos e serviços. Herc., Hist. de Port., tomo 3.º pag. 412. A seguinte passagem parece-me incorrecta: «E crivei que então se *procurasse* attrahir para allí moradores». *Ibid.*, pag. 409.

*

SYNTAXE-CORRESPONDENCIA DOS TEMPOS DOS VERBOS.

E isto *he* o que *declarou* Isaías. Vieira, Sermões (11, pag. 422).

sendo juntamente cauza estas crueldades de que muitos índios já Christãos se *au|então* ... e se *vão* ... e de que os Gentios do sertão não *queirão* vir para nós. Vieira, Cartas, 1, pag. 52.

Ja houve quem *ordenou* no seu testamento. Bernardes, Nova Floresta, 1, pag. 12.

e sómente quando *faltasse* successor ao Principal de toda a Aldea ou Nação, e se *houvesse* de fazer eleição em outro, no tal caso *proporão* os ditos Prelados. Vieira, Cartas, 1, pag. 84.

porque só a fama e o medo do trabalho, e opressão ... *he* o que os detem. *Ibid.*, pag. 89

O que eu vi hontem *he* hüa carta escrita de Ispahan, etc. Cartas do P.º Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo, pag. 113.

Sempre temi que o seu dinheiro *era* o seu mayor inimigo, e que o *avia* de fazer irreconciliável para sempre. Vieira, *ibid.*, pag. 200.

E S. Gregorio Nazãeno diz que a razam porque a arca de Noe se *salvou* no diluio, *he* porque hiam todos em amor e concordia. Heitor Pinto, Im. da V. Christam, ed. de 1843, 1, p. 58.

Nem *creo* que *ha* Ira. (*Ibid.*, pag. 83).

*

SYNTAXE — CONCORDANCIA DO SUJEITO DO PLURAL COM O ADJECTIVO QUANDO SE TRATA DE UMA SÓ PESSOA,

«e nós *proprio* adoptámos irreflexivamente essa ide'a». Herculano, Os Livros de Linhagens, nos Port. Mon. Hist., Scriptorum, i, pag. 136.

«nós *proprios* adoptámos uma ou outra vez expressões pouco

exactas». Herculano, Hist. de Portugal, m, 2.^a edição, pag. 188, nota 2.

*

O VERBO NO PLURAL (COLLECTIVO PARTITIVO)

... no dito tempo *faleceram* quasi a mayor parte das autorizadas pessoas etc. Azurara, Chr. de D. João i.^o, parte 3.^a, pag. 4, col. 2.^a.

Uma infinita e poetica legião de divindades *são* como as sentinellas. Latino Coelho, Oração da coroa, pag. XCV.

A maior parte dos Authores *fallão*. Obras do bispo de Vizeu, ii, pag. 134, nota 2.

#

INFINITO PESSOAL

Dois verbos seguidos, ambos no infinito pessoal. Andrade, Sermões, tomo i.^o foi. 21 v.^o linha 23.^a

Dois verbos seguidos, ambos no infinito impessoal. Andrade, Sermões, tomo i.^o foi. 24, linha i.^a, e foi. 3o lin. 16.^a

Exemplo de dois verbos no infinito. O primeiro pessoal e o segundo impessoal. Andrade, Sermões, tomo i.^o foi 24 v.^o, linha 26 até 3o. E conveniente advertir que a edição dos Sermões de Andrade pareceu-me estar cheia d'erros.

VERBO

Uso de diferentes verbos que podem ou são regidos de diversas preposições.

«que frutto, que proveito, que interesse tens em *deixar*, e te *apartar de* Deos ? (Vieira, Sermões, 1, col. 5g3, Sermão do SS.^{mo} Sacramento). *Deixar* não pede a preposição <áe, que rege sempre *apartar*.

«ainda que Abrahão *venerava* e *tinha grande conceito da Féj* da devoção, e da piedade de Sara. (Ibid., col/ 6o2). *Venerar* pedia *a féj*; *ter conceito* pedi *la*.

«ver-se preferido no lugar, quem *merecia*, ou *aspirava ao* primeiro. Vieira, Sermões, 111, pág. 86, col. i.^a *Merecia* o, e não ao, é o que havia de dizer se não usasse também do *aspirava*.

«A posta da semana que vem ou nos livrará, ou nos confirmará

nestes sustos». Cartas do P.^e Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo (Carta d'este para o Padre), pag. 82, pr. *Livrará pedia d'estes*.

«Ou passados os lutos, vos partiríeis para a Corte para luzir, para ostentar, para competir *em* gallas, em apparatus, em grandezas». Vieira, Sermões, iv, pag. 460, vol. 2.^o (Sermão de S. Roque). O *em* não conviria a *ostentar*.

Epiphanio Dias, nos Commentarios ao Lusiadas, canto i.^o, est. 5.^a, lin. 5 e 6 (Tomo i.^o, pag. 41), diz: «Quando a duas partes da oração de regencia differente se liga, *menos correctamente*, uma mesma determinação, pela segunda palavra é que se costuma regular a construcção».